

## verve 20 anos de existências

*nu-sol*

é **libertário viver com *verve***, uma revista que apura perspicácia e perspectivas ao abrir frestas e festas, penetrar desvãos, deslocar claraboias, produzir pequenos buracos para a passagem de feixes luminosos do universo em expansão. *verve* é uma revista concentrada em existências anarquistas sem bordas. está e estará indisponível para ser avaliada ou avalizada por autoridades superiores e seus negócios. não é refúgio seguro, dialética ou imperativo categórico. é feita por gente disposta, desconhedora dos prefixos pré ou pós e da liberdade absoluta. jamais foi, é ou pretende ser democrática; procura anarquias outras. nela estão séries libertárias, modos de fazer, dizer, desenhar, comer-beber-cantar-dançar: deixar a porta aberta, cais para aportar ou partir. não há fila de espera, nem alguém saboreando picolé de retórica. é antidoutrinária, antipolítica, antigentechata. não teme as tradições anarquistas e não sonambuliza com a tradição em refúgio ou acolhimento, nem com os modernos ou os contemporâneos confortáveis. *verve* é anarquia; não está para ser pega, muito menos decifrada ou espinafrada. ninguém ousa entrar por dentro dela para dizer o que é ou o que deve ser a anarquia: as anarquias são isto e aquilo. anarquia não é condimento de esquerda, nem

*média*. **verve** não cuida de ressentimentos, volta-se para as belezas pouco notadas. **verve** não é a, nem o. é x. é um x da questão. atíça problematizações. provoca atitudes libertárias... é noss@...

**verve** é uma revista generosa. um viva imenso à sua existência bonita, corajosa e rara! saúde!

**há duas décadas, a revista verve** segue firme em atitudes, experimentações, pesquisas e análises sobre anarquismos e abolicionismo penal. desde o primeiro número, arrebatada. convida os leitores a se movimentarem livremente por seus percursos, linhas, entrelinhas e espaços.

**verve vinte anos**. a revista com a precisão do nu-sol. ao longo desses anos tem reunido pesquisas, ensaios, arte, traduções de textos preciosos, informes, experimentações. escrita e leitura entremeadas atíçam práticas de liberdade. liberdade ácrata. anarquismos. vinte anos! e, a cada ano, dois números. números que já passam dos quarenta. a cada número, sob a égide cromática do azul, do branco e do preto, a imagem da capa convida ao mergulho no miolo, no perfume e na dança das páginas. nos anos mais recentes, a capa luminosa convida a um click com um cursor, assim se abre o portal para a leitura. leitura exigente. leitores atentos. vinte anos!!! mais do que a sucessão de dia a dias. **verve**: lume e abrigo de interações raras, encontros intensos, afeições inesperadas, movimento incessante, palavras tornadas vida. fogo-espaço em expansão pelo século XXI.

**verve: brutal**. o pintor anarquista jean dubuffet, inventor do termo “arte bruta”, dizia que o uso de material

orgânico em suas obras buscava mobilizar matéria extremamente sensível, como carne viva. junto a isso, havia seu interesse pela arte produzida por pessoas classificadas pelo saber médico como loucas. esses foram percursos de experimentações artísticas do pintor, leitor de max stirner, para traçar linhas de fuga do que definiu em seu livro como a “cultura asfixiante”. era o começo do século XX, momento no qual o continente em que vivia era destroçado pela primeira grande guerra. um evento que produziu corpos mutilados que se espalhavam pelo chão, ainda com vida ou já mortos, em nome da disputa entre os Estados pelo controle de vastas regiões do planeta (como os continentes asiático e africano) e comandado pelos exércitos nacionais e as vanguardas e elites europeias da época. mesmo com a guerra oficialmente pacificada por derrotas e tratados, poucos anos depois, o país em que vivia, a França, estava sob o cerco da ocupação militar da Alemanha nazista. diante do horror da guerra e do massacre, Jean Dubuffet, anarquista especialmente voltado para militância antimilitarista, não teve dúvidas em concluir que a cultura asfixiante era o açougue civilizado. o começo do século 21 se anuncia como o tempo do fim das guerras entre nações; da decadência das vanguardas artísticas e políticas, mas da formação de elites e consensos planetários; tempo da comunicação instantânea e hipertrofiada, momento de consolidação da sociedade de controle, como definiu Gilles Deleuze. nada disso significou o fim da carnificina militar, mobilizada não mais para a guerra entre nações, mas em nome da garantia da segurança de cidadãos e cidadãs; o imperativo democrático deste século convoca para a participação. é imperativo participar da política, da vida na empresa, nas

redes sociais digitais... este século não é mais o da biopolítica das populações, que produz massacres em nome da saúde da sociedade, mas é o século das intervenções ambientais em nome da vida do planeta e dos vivos no planeta: ecológica na qual o açougue civilizado é participativo, democrático com governança planetária, edulcorado por direitos, ambientalmente sustentável e resiliente. a revista *verve* se insurge, bruta, no segundo ano deste século. numa cultura ainda mais asfíxiante, porque hipertrofiada de comunicação e capaz de tudo incluir. em vinte anos, a carne viva da revista se fez de traduções de escritos anarquistas inéditos em língua portuguesa e um volume consistente de análises anarquistas em ato e escritos instauradores do abolicionismo penal libertário. diante das condutas democráticas e participativas, uma atitude incômoda e inconformada salta dos textos dispostos com cuidado gráfico sem firulas. entre imagens e frases, textos mais longos e outros mais curtos, a revista não é meio nem fim, ela existe. não se trata de divulgar o anarquismo e/ou o abolicionismo penal libertário. o modo de fazer da revista imprime o modo de usar como ação direta. espaço no qual se registra as práticas do nu-sol, das flecheiras libertárias às aulas-teatro, seu fazer é a cultura libertária no aqui e agora, sem mediações. embora tenha sido habitada por diferentes (não plurais) autorias e fazedores, sua carne viva é um bloco, como o monólito da capa de seu primeiro número. um bloco resistente, sólido, que transitou do impresso para o eletrônico sem perder a consistência e a materialidade que a fazem autogestionária, sem patrocínios, financiamentos e/ou especialistas. espaço aberto no facão contra a densidade da cultura asfíxiante para a produção do frescor da

cultura libertária. sem concessões, *verve* “estuda, pesquisa, publica, edita, grava e faz anarquias e abolicionismo penal” libertário. em 20 anos, segue como uma criança: inquieta, que morde, belisca, estica o braço, atenta ao seu redor sempre, grita, ri, chora, se lança com cuidado e destemor, provoca constantemente a atenção dos adultos na sala, puxa seu cabelo, te faz reparar numa planta que havia passado despercebida, se comunica sem palavras com os animais do entorno e que move de forma bruta para produzir seu espaço no planeta. *verve* é brutal, carne viva.

**uma tarde de 2003.** sobre as mesas, muitos papeis. xícaras de café, cigarros. provavelmente algum biscoito. alguns lápis e canetas. uma sentada à mesa, outra no chão. as bruxas de Mathiesen empolgam uma conversa abolicionista. é um dia de revisão. aprende-se o uso da linguagem, mas também a sua ruína. aprende-se, conversa-se e faz-se abolição e anarquia. há *verve* no ar. isso é *verve*. *verve* não é só uma revista. são existências. e assim caminhou-se nestes 20 anos pelas leituras, revisões, formações, diagramações, escritas, conversas, cafés, comidas, imagens, ideias, e mais um tanto que não se resolve em palavras. e um tanto ainda que não se pode explicar, mas que também não exige explicação. isso tudo é a *verve* autogestionária. mas *verve* não permaneceu imóvel nestes vinte anos, nem procurou seguir uma receita. ela modificou-se a partir de cada um que passou por ela: os que chegaram e chegam, e que, às vezes, vão embora; pelos acontecimentos ao seu redor e além. tornou-se eletrônica em 2018. resistiu e resiste à chamada pandemia e ao retrocesso das universidades como espaços de invenção. *verve* pulsa. hoje. viva. viva!

**rever *verve***, um anagrama. nas histórias dxs anarquistas rever sempre é atualizar os combates, as memórias de luta. nesses vinte anos de edição da revista, rever *verve* é ver agora. a partir dos olhos sobre as páginas apresentar com prazer a anarquia, essa matéria fina, no presente. *verve* é um presente. rever *verve* é um anagrama, A na bola pela pele do papel.

**viva a *verve*!** *verve*, revista semestral do núcleo de sociabilidade libertária – nu-sol – da puc-sp, faz vinte anos de atividades de pesquisa, estudos, gravações, edições, publicações, em intensas rebeldias! viva a *verve*! expressão de pessoalidades inquietas, seus números resultam de encontros potentes, viscerais, vertiginosos. entre a capa e a última capa, há textos corrosivos, juntos às poesias cáusticas, ao teatro desconcertante, às imagens cortantes, enfim, às artes de insurgências. *verve* sempre vem numa vibração musical, com deliciosas dissonâncias, fortes ruídos, síncopes inventivas, espancando a acomodação, ferindo a preguiça mental, desonerando a rotina maçante dos rebanhos contentes. cada uma das pessoas envolvidas com *verve* consiste numa centelha vivaz, atendo e difundindo fogo, quando juntas, ao mofo existencial de quem gasta sua vida como cagadores de regras, como guardiães de uma dita pureza primordial, como condutores e polícia das vidas... dos outros. os integrantes de *verve* a fazem fruindo liberdades inventadas no calor das labaredas surgidas quando da associação dessas centelhas. em todos os números, as colaborações juntam achas de brasa ao incêndio dos poderes *ubuescos*. a liberdade se inventa, só ou em associações, mas sempre em rebeliões, insubmissões, como o fazem corajosos nômades irredutíveis e destemidos selvagens ingovernáveis.

tanto os 31 números impressos de *verve* como as versões digitais, a partir do número 32, são bem emanções das corporeidades aquecidas pelo fogo libertário de seus encontros. anarquia e abolicionismo penal vibram nas páginas de *verve*, incitando leitores a atentarem para os ardis dos autoritários de todas as cores, não se deixando envelopar pela verborragia sinuosa de tiranos maneirados. por isso tudo e muito mais, viva a *verve*! viva a anarquia! “só a liberdade é igualdade” — max stirner.

**o nu-sol é um espaço de experimentações libertárias.** experimentação não é instruir-se para preencher o currículo com mais uma habilidade ou para acumular mais uma certificação. mas arriscar-se em algo e fazer de maneira autogestionária, prática tão cara à cultura libertária desde a elaboração de jornais, ateneus, associações, filmes e espaços de educação na virada do 19 para o 20. há 20 anos o nu-sol experimenta a *verve*. 20 anos de existência resistindo e se reinventando. da passagem do “físico” para o “digital”, não temeu encarar que a leitura e a comunicação mudaram. e continua a descobrir e a traçar outros percursos. fazer, ler, traduzir, diagramar, editar, publicar, escrever e olhar a *verve* é entrar em contato com existências e registros de vidas e seus embates intensos que atualizam as lutas libertárias no presente; é diagnosticar e mergulhar em meio às forças em luta no presente. *verve* segue, saúde!

**duas décadas de *verve*, fazendo e expandindo anarquia.** há uma década, caminho junto com xs amigxs no nu-sol, compondo autogestionariamente em escrita os anarquismos de agora e revolvendo registros de anarquismos de outras décadas, outros séculos. antes mesmo

de andar pelos corredores da puc-sp, durante meus primeiros mergulhos em textos ácratas — que me foram apresentados por fanzines xerocados e letras de músicas punk —, descobri *verve*. arquivo libertário generoso, disponível e acessível a qualquer pessoa interessada e que esteja em qualquer lugar do planeta. abre perspectivas libertárias outras. experimentamos e expandimos liberdades juntxs no nu-sol. juntxs a tantxs outrxs anarquistas, que viveram e lutaram em outros tempos, outros cantos, por vezes incógnitxs. há traduções preciosas em *verve*, textos e autorias que costumam ser esquecidos — ou deixados ao esquecimento — por muitxs anarquistas que vivem nessas terras e falam português. certos anarquismos pulsam e reverberam, únicos, a partir da *verve*. experimentamos e expandimos liberdades juntxs com tantxs que escrevem conosco, que leem *verve* e que se deixam tocar e transformar por suas páginas e palavras fortes, contundentes, revoltosas, prazerosas, livres.

*de que vale um livro que não nos transporte além dos livros, Friedrich Nietzsche. a **verve não é uma revista para todos**. publicada semestralmente há vinte anos, com textos sobre anarquismos e abolicionismo penal voltados para as resistências, ela exige e atrai leitores interessados em construir espaços e práticas de liberdade no presente. com o leitor cuidadoso e de olhar atento, estabelece uma conversa com outras produções e intervenções do nu-sol. em cada número da revista, é possível extrair os percursos de sua invenção bem como o trabalho autogestionário do nu-sol por meio de suas práticas, pesquisas, lutas, experimentações e amizades que atravessam dentro e fora do núcleo. com a *verve*, e outras produções do nu-sol, aprendemos que a autogestão é um modo de*

fazer e um jeito de usar, na relação entre os que fazem e para quem lê, escreve e acompanha a revista. a autogestão se dá na não fixação das atividades que envolvem a produção da revista. reconhece-se a autoridade da experiência e a vontade de cada um em se lançar a diagramar, traduzir, escrever, transcrever, desenhar, pesquisar. não há dissociação acadêmica entre forma e conteúdo. a *verve* é um objeto autogestionário que resulta de uma prática autogestionária; ninguém determina a quem chega como se faz, mas se aprende fazendo, com quem generosamente convida a entrar nessa árdua e prazerosa prática libertária. a *verve* é uma revista que impulsionou e segue impulsionando jovens estudantes, pesquisadores, anarquistas, existências livres que se aproximaram dela, seja lendo-a, seja nel publicando, aprendendo a fazer uma revista autogestionária na lida com ela. mostra a potência que há na prática libertária e a coragem que deve emergir para combater um tempo apático e conformista como o nosso.

**a revista *verve* deriva das inquietações que atacam os corpos** que experienciaram, experienciam e inventam a vida no nu-sol. é um objeto elaborado e reelaborado permanentemente por existências corajosas, cujo trabalho na universidade não está condicionado às vontades dos sacerdotes da ciência. é uma invenção por meio da qual a anarquia se manifesta a partir da sua diversidade, provocando atravessamentos entre análises descontínuas e dispersas de múltiplas singularidades anarquistas. artigos, poemas, resenhas, textos de aulas-teatro e imagens preenchem as páginas de suas edições, animando aproximações entre diferentes invenções e demolindo as fronteiras vinculadas às disciplinas. combates libertá-

rios foram e são resgatados pelos integrantes do nu-sol e pelas pessoas que, em algum momento, decidiram criar algo para a *verve*. sua vitalidade está relacionada às vidas dispostas a retomar os saberes sujeitados pelas forças em luta ao longo da história, atizando a afirmação de combates contra as formas de governo que atingem nossos corpos, nossas vidas, inclusive no interior das universidades. suas páginas trazem à tona saberes e práticas levadas adiante pelas existências libertárias na comuna de paris, na revolução russa, greve geral de 1917, revolução espanhola, 68 e nas revoltas que eclodiram e eclodem neste século. atém-se às forças em luta, aos embates travados no passado e aos combates que urgem no presente. *verve*, assim como outras invenções do nu-sol, é fruto de relações libertárias efetivadas no cotidiano, no agora. é fruto da invenção de outras formas de se associar, trabalhar, relacionar-se com amigos. metamorfoseia-se por meio de outros modos de vida.

**verve, 20 years of existences, nu-sol.**